

AMOR CRISTÃO AO MUNDO (para entender o Opus Dei)

1 – → Há uma palavra que é imprescindível, quando se quer explicar o que é o Opus Dei: a palavra **mundo**.

→ "O Opus Dei tem por fim promover entre pessoas de todas as classes da sociedade o desejo da **plenitude da vida cristã no meio do mundo**. Quer dizer, o Opus Dei pretende ajudar as pessoas que vivem no mundo – o homem vulgar, o homem da rua – a levar uma vida plenamente cristã, sem modificar seu modo normal de vida, nem seu trabalho ordinário, nem suas aspirações e anseios" (S. Josemaria Escrivá: *Questões atuais do Cristianismo*, n. 24)

→ "...a finalidade a que o Opus Dei aspira é favorecer a procura da santidade e o exercício do apostolado por parte dos cristãos que **vivem em meio do mundo**, seja qual for seu estado ou condição (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 60)..

→ É significativo que um folheto explicativo sobre o Opus Dei, de ampla divulgação mundial, tenha como título: "Cristãos **no meio do mundo**".

→ Finalmente, um dos textos de São Josemaría mais claros e mais profundos para explicar o que é o Opus Dei e a sua missão na Igreja e no mundo, intitula-se: **Amar o mundo apaixonadamente**.

2. Nesta palestra, procuraremos esclarecer – aprofundar um pouco – no significado exato deste "amor apaixonado pelo mundo", sem o qual não se poderia entender o espírito e os apostolados do Opus Dei.

→ Em primeiro lugar, é claro que esse amor é reflexo e participação do amor que Deus tem ao mundo. "*De tal modo amou Deus o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3, 16).

→ Diante disso, pode parecer paradoxal e contraditório encontrar no NT frases como as seguintes:

→ "*Não ameis o mundo, nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai*" (I Jo 2,15).

→ *-Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a mim antes que a vós. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus. Como, porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia* (Jo 15,18-19).-(Pai)...o mundo os odeia, porque eles **não são do mundo**, como também eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal. Eles **não são do mundo**, como também eu não sou do mundo (Jo 17, 14-16).

→ Que acontece, então? Vê-se que a palavra mundo, na boca de Deus, de Cristo, tem significados diferentes, e até antagônicos. Vamos procurar esclarecer isso a seguir.

3. A) O "primeiro" amor de Deus: o amor de Deus Criador ao mundo:

→ Deus ama o mundo, porque foi criado por Ele, porque Ele o quis, é obra amorosa das suas mãos (*bonum est diffusivum sui*; e, como diz S. Tomás, *aberta a mão [de Deus] pela chave do amor, as criaturas surgiram – "aperta manu clave amoris creaturae prodierunt"*: CCE 293). Tudo o que Deus fez ("faz", sustenta no ser) é BOM, pois participa do ser, da bondade, da beleza, etc. de Deus, seu Criador. *E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom (Gên 1, 31)*.

→ A nossa fé em Deus Criador, em Deus Pai, é, desde as suas bases (*Creio em Deus Pai, Criador...*), uma visão positiva e otimista: nada de dualismo maniqueísta. O verdadeiro cristão ama as coisas criadas, porque *o mundo foi feito por Ele [o Verbo] (Jo 1, 10), tudo foi feito por Ele, e sem Ele nada foi feito de tudo quanto existe (Jo 1, 3)*. O cristão, por isso, desfruta das alegrias, da beleza e da bondade da criação, obra do amor e da sabedoria divina ("L'amor che muove il sole e l'altre stelle": *verso final da Divina Comédia*).

.→ Justamente por isso tudo, o cristão sabe que é:

a) colaborador da Trindade na obra da Criação (foi-lhe mandado *ut operaretur*, antes do pecado); sabe que o trabalho, em si – da inteligência e das mãos – é manifestação do que nós somos, isto é, de que somos "imagem de Deus" (chamados por Ele a desenvolver as virtualidades positivas da criação). Portanto, o trabalho, a ciência, a técnica, as artes, não são coisa puramente "terrena", mas fazem parte do plano de Deus (e são santificáveis)

→ Pela mesma razão, o cristão sabe que a família é uma instituição divina, boa, "muito boa" (lembramos que o matrimônio e o mandato de "multiplicar-se" – como o mandato de trabalhar – são anteriores ao pecado original); a família é imagem do amor e da fecundidade da Trindade ("participação no poder criador de Deus" – dizia São Josemaría); é uma instituição divina com uma missão divina.

b) colaborador da Trindade na "guarda" (*ut custodiret*) da Criação:

→ O homem é responsável por guardar e defender o plano divino da Criação, que (como veremos depois) foi alterado e profundamente desequilibrado (desengonçado – fora de encaixe, desconjuntado, desarticulado) pelo **pecado do homem** (e foi restaurado e elevado pela Redenção, de que falaremos também depois). Mas, apesar do desequilíbrio e a desarmonia introduzidos pelo pecado, a bondade "ontológica" do mundo, da Criação, é a mesma que a sabedoria divina lhe deu desde o início, bondade que se expressa na Lei divina eterna e natural (lei eterna=*ratio divinae sapientiae*): Desde sempre, esteve na mente de Deus o *modelo* ideal da Criação e da sua harmonia (a "Lei" da criação), e, primeriamente, o *modelo* ideal do seu humano. Desde sempre, Deus *sabe e manifesta* (pela Revelação), o que é a **verdade e o bem do homem**. Esta idéia de **bem do homem**, concebida pela Sabedoria divina, é precisamente a *lei moral*, a chamada *lei eterna*, que tem as seguintes características, recordadas pelo *Catecismo da Igreja Católica*:

"A lei natural [que se resume e expressa nos Dez Mandamentos] é *universal* em seus preceitos... Ela exprime a dignidade da pessoa e determina a base de seus direitos e deveres fundamentais [...] A lei natural é *imutável* e permanente através das variações da *história*; ela subsiste sob o fluxo das idéias e dos costumes e constitui a base para o seu

progresso". [...]. "A lei natural fornece os fundamentos sólidos sobre os quais pode o homem construir o edifício das regras morais que orientarão as suas opções. Ela assenta igualmente a base moral indispensável para a construção da comunidade dos homens. Proporciona, enfim, a base necessária à lei civil que se relaciona com ela" (nn. 1955-1958).

→ Por isso, **guardar a Criação**, hoje, consiste sobretudo em defender, com idéias nítidas, com doutrina, com atuação e com coragem, a **Lei divina, a Lei natural** (vejam bem que não se trata aqui de "princípios cristãos", mas do bem próprio da natureza humana desde o momento da Criação). Esta defesa é uma manifestação clara do nosso "amor ao mundo". Esta, por assim dizer, é a maior e melhor **ecologia de corpos e almas**.

→ Quando se perde essa perspectiva, como acontece hoje, os homens – mesmo muitos que dizem acreditar em Deus – acabam achando (como já o fez Ockham) que os dez mandamentos são puros atos aleatórios, arbitrários, da "liberdade" divina (que, se Deus quisesse, poderiam mandar o contrário), ou são próprios de determinadas épocas, culturas e civilizações. Nada é *universal* nem imutável. Com isso, **abrem-se as portas ao relativismo, ao agnosticismo e ao nihilismo**.

Concretamente, segundo essa visão relativista e agnóstica – fomentada pela mentalidade New Age e cada vez mais adotada pela ONU, os organismos internacionais e as legislações dos países – "o homem – como comenta o Pe. Michel Schooyans –, por ser pura matéria, é definitivamente incapaz de dizer seja lá o que for de verdadeiro sobre ele mesmo ou sobre o sentido da vida. Fica, assim, reduzido ao *agnosticismo* de princípios, ao *ceticismo* e ao *relativismo moral*. Os *porquês* não tem sentido; só importam os *como*". O que "se pode fazer" em matéria ética ("posso", "não posso"), sempre significou o que era lícito ou não perante a lei de Deus, perante os princípios morais intocáveis; agora, pelo contrário, quer dizer "o que se pode fazer tecnicamente" (p.e., clonar, manipular embriões humanos para obter soluções para terceiros, abortar filhos que exigiriam sacrifício dos pais, etc.), ou seja, que se "podem fazer" as maiores aberrações, porque "já há técnica" para isso, bastando para coonestar essas aberrações que se consiga o consenso dos que manipulam como proprietários – pelo poder da mídia, da política e, sobretudo, do dinheiro – os organismos internacionais e a opinião pública.

Dentro dessa perspectiva, é natural que se propugne que, de agora em diante, os direitos do homem sejam apenas o resultado de *procedimentos consensuais*. Não sendo capazes de verdades, devemos só entrar em *acordos* e *decidir*. Será justo o que for aprovado por maioria. Esses procedimentos consensuais serão, logicamente, mutáveis, poderão ser mudados e redefinidos ilimitadamente. Daqui em diante, qualquer coisa poderá ser apresentada [e imposta, até coercitivamente, como exigência do direito internacional] como "novo direito" do homem: direito a uniões sexuais diversas, ao repúdio, aos lares monoparentais, à eutanásia, ao infanticídio, à eliminação dos deficientes físicos, às manipulações genéticas com fetos ou inválidos, etc. Estamos presenciando a tentativa de fazer triunfar a "vontade de poder" de Nietzsche; e parece que ninguém repara que essa multidão "neo-liberal" e "iluminista" [que faz "paradas" enormes] tem como "precursor" – eu diria, já, como "padroeiro", nada menos que Adolf Hitler

→ Isso mostra, de modo evidente, a grande tarefa que nos corresponde – como responsabilidade do nosso amor ao mundo – . pois é um dever grave defender e difundir os verdadeiros valores dos "seres", de todas as coisas, do mundo, e, em primeiro lugar, da pessoa humana.

c) Da consciência da bondade ontológica decorre também – e isso é fundamental – a importância e o valor do cultivo das virtudes humanas, que são a base natural para a graça e as virtudes sobrenaturais; e são também um "bem" que, embora imperfeitamente, o pagão e o que está em estado de pecado mortal pode praticar; bem que – se tiver sinceridade na procura do que é reto e certo e agir em consciência – adquire o valor de uma oração de súplica, que atrair a misericórdia e a graça de Deus. (Esse é o otimismo cristão autêntico, católico, que muitos protestantes negam).

d) Finalmente, o dever de “guardar a criação” (*ut custodiret*) abrange também a obrigação moral de preservar e cuidar a natureza, a serviço do bem de todos: a ecologia retamente entendida.

B) O "segundo" amor de Deus ao mundo: o amor de Deus Redentor ao mundo::

→ É um fato revelado (que, infelizmente, a história da humanidade e a vida pessoal e social confirmam fartamente), que o MAL entrou no mundo por instigação do demônio (estando já o diabo separado de Deus até o ódio, pela soberba e a desobediência). Existe, pois, o PECADO, e foi só o pecado, exercício desordenado da liberdade, dom de Deus, o que transtornou e mantém transtornada a "bondade", o "equilíbrio" da criação. "A harmonia na qual estavam (os primeiros pais) [...] – diz o *Catecismo* – está destruída: o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo é rompido; a união entre o homem e a mulher é submetida a tensões [...]; a harmonia com a criação está rompida: a criação visível tornou-se para o homem estranha e hostil", etc. (cf CCE n. 400). "A partir do primeiro pecado, uma verdadeira 'invasão' do pecado inunda o mundo" (Ib n. 401). Por isso, São João pode dizer: *que o mundo inteiro está sob o poder do Maligno* (I Jo 5, 19), uma verdade que nenhum ingênuo pode esquecer, caindo na cilada de dizer que "tudo o que é 'espontâneo' e 'natural' é bom", que o "mal" propriamente não existe: Só existiriam ignorância, enganos e doenças! (A New Age e quejandos ficaram loucos com o filme "A Paixão de Cristo"!)

→ Pela invasão e domínio do pecado, a humanidade (como árvore arrancada das raízes divinas) ficou "perdida", e é incapaz de "salvar-se" (de reenxertar-se) por si mesma. Toda a esperança em que a salvação do mundo pode advir do progresso técnico e ecológico, ou da política, ou da eugenia e manipulação genética, ou dos segredos do esoterismo, ou do domínio das energias do cosmos, ou da liberdade sem repressões, etc, só leva a acumular decepções, a acumular maior quantidade de mal, e desemboca no atual niilismo.

→ Nesse contexto do mundo mergulhado no pecado, aparece o "SEGUNDO" AMOR DE DEUS: *De tal modo amou Deus o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3, 16).

Deus não ama o mal do mundo, nem o aprova, nem faz média com ele. Deus tem misericórdia dos seus filhos, mergulhados neste mundo em que o mal (o diabo, "Príncipe deste mundo") domina. E, movido pelo seu amor infinito, dá-se para salvar o homem: entrega o Filho e dá-nos o Espírito Santo. É o "ápice do amor". O mistério da vinda de Jesus (especialmente a sua Paixão, Morte e Ressurreição), a cada passo nos mostra o amor salvador de Deus, gratuito, generoso, total (*até à morte e morte de Cruz*), para nos salvar dos nossos pecados e nos alcançar a justificação (o perdão e a graça do Espírito Santo).

→ *Porque eu vim...para salvar o mundo (Jo 12,4) → Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo 3, 17) → Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo 1,29) → Jesus, nosso Senhor, foi entregue por causa dos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (Rom 4, 25).*

Para nós, portanto, "amar o mundo apaixonadamente" é exatamente amá-lo com o amor misericordioso, total e generoso de Deus, dispostos a fazer como Jesus: "O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mat 20, 28), Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores (1 Tim 1, 15).

→ **O espírito do Opus Dei participa intensamente deste duplo amor:** a) amar e santificar o trabalho, a família e todas as realidades terrenas honestas, e ordenar o mundo segundo Deus e a Lei divina, devolvendo à criação a sua harmonia com o Criador; e aos homens a sua harmonia entre si; e b) o apostolado: dar-se, dedicar-se, dar a vida pela salvação, a santidade, a felicidade terrena e eterna dos homens.

Há palavras muito sérias de São Josemaría: "Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d'Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (Cfr. Gên, I, 7 e ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com nossos pecados e nossas infidelidades. (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 114). "Meus filhos: aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, nosso trabalho, nossos amores - aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. Em meio das coisas mais materiais da terra é que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens" (Ibid. 113). (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 114).

4. O anteriormente dito fornece-nos uma clara **perspectiva para entender qual é a nossa missão no mundo**. E é, ao mesmo tempo, uma **luz para evitar equívocos graves, sutis e frequentíssimos hoje** em dia, equívocos em que vemos mergulhados os filhos, alunos, etc., e às vezes nos parecem quase "naturais"..

→ "Amar o mundo", dizíamos, é amá-lo tal como Deus o quer – vale a pena repisá-lo –, é esforçar-nos por conduzir – "reencaminhar" – todas as coisas (pessoas, costumes, instituições, educação, a sociedade, etc.) para a finalidade querida por Deus e **sinalizada pela Lei divina**, que é o seu verdadeiro bem temporal e eterno.

→ Para isso, é preciso ter a coragem de não se curvar nem um pouquinho diante do mal do mundo, o que na prática significa não deixar-nos dominar pelas opiniões (erradas) da maioria, nem deixar-nos influenciar pelos hábitos mundanos de pensamento e de conduta, nem pelo modo "novo" de encarar a família, os filhos, a figura da mulher, o sexo, os negócios, o trabalho, o lazer, os "direitos", a liberdade, a felicidade, etc. Não pode salvar o mundo quem se ajoelha diante dele e lhe lambe as mãos como um cachorrinho, para que o mundo lhe faça café e lhe diga: "como você é bom e compreensivo: é um dos nossos".

Neste sentido, na prática:

→ A) É importante escutar e acolher de coração aberto o que Deus e a Igreja nos ensinam sobre o mundo, para termos a coragem e a autenticidade do apóstolo:

→ Deus nos diz, por São João: "*Não ameis o mundo, nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procedem do Pai, mas do mundo*" (I Jo 2, 15-16)..

São João fala aqui da humanidade não atingida ainda pela eficácia da Redenção, da graça, ou seja, da maior parte da humanidade. O que há no **mundo**, então, é o predomínio das conseqüências do pecado (original e pessoal): o egoísmo, os desejos egoístas (concupiscências) que dominam e marcam as mentalidades, a vida social, os espetáculos, os meios de comunicação, o ambiente. É, parafraseando S. João, a **idolatria** da *carne*: ter o prazer -comodismo, gula, sexo, bem-estar material, etc.- como ideal e meta; é a idolatria do que brilha aos *olhos* humanos: ambições, domínio, triunfo humano, dinheiro, posses; e é a *soberba*, o orgulho: querer ser mais do que os outros, ser o centro, ser o "deus" que escolhe o bem e o mal.

Isto é o "*que há no mundo*" (I Jo 2,16). Não custa nada reconhecer que é uma descrição do que predomina na atual sociedade descristianizada, paganizada, se não já quase totalmente pagã (o que nos causa pena, mas não nos produz desânimo, pois a sociedade com que se defrontaram os Apóstolos e os primeiros cristãos – que nós viemos imitar – era inteiramente pagã).

→ E ainda podemos lembrar São Paulo: *Não persistais em viver como os pagãos, que andam à mercê das suas idéias frívolas* (Ef 4,17). *Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente* (Rom 12,2). *Fazei todas as coisas (...) a fim de serdes irrepreensíveis e inocentes, filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhais como luzeiros no mundo*" (Fil 2,14-15).

→ E, enfim, a Igreja, O Papa João Paulo II dizia, na preparação para o terceiro milênio: "Ao procurar o homem por intermédio do Filho, Deus quis induzi-lo a abandonar os caminhos do mal [...], a derrotar o mal disseminado na história humana [...]. Os cristãos devem pôr-se humildemente diante do Senhor, interrogando-se *sobre a responsabilidade que lhes cabe também nos males do nosso tempo [...], responsabilidade[...] pelo progressivo alastramento da irreligiosidade, por não terem manifestado o genuíno rosto de Deus, 'pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social'*" (Tertio Millennio Adveniente, n. 36).

E, na *Veritatis splendor*, o Papa fala dos **mártires**, como exemplo da atitude que devem ter os cristãos atuais. "No martírio – diz João Paulo II –, enquanto afirmação da inviolabilidade da lei moral, refulge a santidade da lei divina [...]. O martírio desautoriza como ilusório e falso qualquer 'significado humano' que se pretendesse atribuir, mesmo em condições 'excepcionais' ao ato em si próprio moralmente mau" (VS, n. 92).

B) Em coerência com as nossas convicções, precisamos, pois, **assumir a fundo a vocação, o ideal cristão, isto é, procurar a santidade e o apostolado no meio do mundo, pois hoje não há lugar para os tíbios**. Seria uma lamentável contrafação desse ideal, pensar que ser bom cristão limita-se a rezar, a ir à Missa, a fazer reuniões, a oferecer o trabalho a Deus e procurar ser "bom". e fazer obras de caridade. Tudo isso é bom e pode ser profundamente cristão, **mas não basta e é compatível com "prostrar-se diante do mundo"** (cair na terceira tentação de Cristo). E é um fato real, lamentável, que, insensivelmente, muitos católicos – até mesmo clérigos – tomam como padrão de **naturalidade**, de **normalidade**, o que o **mundo** – as pessoas em geral, a propaganda e a

mídia – apresentam como "normal", só porque se tornou padrão da maioria e mentalidade dominante..

→ É preciso, por isso, ir muito mais a fundo na nossa formação doutrinal e na formação da consciência, assim como no nosso senso da responsabilidade, e perguntar-nos com o Papa pela nossa possível cumplicidade (por ação ou por omissão) com os males do nosso tempo.

É hora, especialmente, de resgatar a Carta Magna do cristão: o Sermão da Montanha, as Bem-aventuranças. Nelas se sintetiza e encerra o ideal que Cristo nos marca como caminho, e que, em todas elas, é praticamente **o contrário** dos padrões e das máximas do "**mundo**". [Cristo chama "felizes os pobres", os que vivem desprendidos e generosos, sem criar falsas necessidades, e o mundo diz "felizes os ricos que têm, acumulam e consomem"; Cristo diz "felizes os mansos e humildes" e o mundo diz "felizes os dominadores, os que brilham, os prepotentes"; Cristo diz "felizes os que choram (lágrimas de penitência, ou de amor à Cruz)" e o mundo diz "felizes os que riem e bebem e fogem da dor e do sacrifício"; Cristo diz "felizes os puros de coração" e o mundo diz "felizes os que não têm entraves para toda a sorte de impurezas"; Cristo diz "felizes os que têm fome e sede de santidade (justiça)" e o mundo diz "felizes os que têm fome de realização, de sucesso, de triunfo egoísta"; Cristo diz "felizes os que são perseguidos por causa do meu nome" e o mundo diz "felizes os que são aplaudidos porque são abertos e tolerantes com tudo", etc.]

Não nos esqueçamos de que, num **mundo** paganizado, indiferente, relativista e niilista, um cristão necessariamente tem que "chocar" e, se for fiel – mesmo que evite atitudes moralistas ostensivas e esquisitas – será, aos olhos do **mundo**, uma pessoa “diferente”, *não porque faça coisas absurdas e pitorescas, mas porque é coerente com a sua fé*. São Josemaría já nos falava disso há muitos anos, dando-nos um critério claro, que é atualíssimo: *“E num ambiente paganizado ou pagão, quando esse ambiente chocar com a minha vida, não parecerá postiça a minha naturalidade?”*, perguntas. *-E te respondo: chocará, sem dúvida, a tua vida com a deles. E esse contraste, porque confirma com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que te peço* (Caminho, n. 380). Este ponto de Caminho, hoje, é uma luz orientadora importantíssima, imprescindível, para a nossa vida e para a formação dos outros.

EM RESUMO: → Temos que levar a sério as Bem-aventuranças, meditá-las, "aprendê-las" encarnadas no exemplo de Cristo e dos santos. → É preciso conhecer muito mais as vidas dos santos, e dá-las a conhecer aos filhos, aos amigos, etc. Há mil maneiras de fazê-lo com jeito, com graça e com eficácia. → Também temos que aprofundar na doutrina do Magistério autêntico e universal da Igreja → e, sobretudo, temos que levar a sério a nossa vida interior e a nossa luta por ser "santos", isto é, por corresponder à graça de Deus com amor, confiança e generosidade. → Então, poderemos olhar o mundo com otimismo, apesar dos pesares, e cumprir o mandato de Cristo de semear o Evangelho entre todas as gentes, com o anseio e a esperança de que "todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim 2, 4).